



<http://dx.doi.org/10.30681/23588403v12i013648>

O GÊNERO TEXTUAL CHARGE E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Data de recebimento: 03/11/2017

Aceite: 04/12/2017

Tamara Cristina Penha da COSTA (UEPA)¹

Oziel Pereira da SILVA (UEPA)²

Resumo: Este trabalho analisa quatro charges, de diferentes temáticas, e mostra a importância do conhecimento sociocultural dos sujeitos para a construção de diferentes sentidos de um texto. A compreensão do gênero discursivo-textual charge requer a consideração de outros aspectos, além das linguagens não verbais que a constituem, uma vez que reflete juízos de valor sobre assuntos que aborda. Assim, são comuns críticas a fatos políticos e sociais, por meio do recurso expressivo *ironia*. Ao analisarmos uma charge, portanto, entramos em contato com várias informações que demandam a ativação de conhecimentos prévios sobre o tema, a produção de inferências, dentre outros. Por outro lado, a não observância desses fatores pode trazer dificuldades à compreensão dos sentidos possíveis veiculados. Vale salientar que os PCN sugerem um estudo/ensino de língua materna a partir do trabalho com os gêneros que circulam nas diferentes esferas sociais, como forma de levar o aluno a interagir com e refletir sobre a linguagem. Este trabalho fundamenta-se nos estudos de Bakhtin (2003), Britto (2003), Brasil (1998), Guimarães (2009), Koch (2003), Marcuschi (2003) e Mouco e Gregório (2007).

Palavras chave: Gêneros. Charge. Sentidos.

THE TEXTUAL GENRE LOADS AND THE CONSTRUCTION OF MEANINGS

Abstract: This paper looks at four positions in different themes, and shows the importance of socio-cultural knowledge of the subjects for a construction different meanings of a text. Understanding the discursive genre charge requires consideration of other aspects, in addition to non-verbal languages that are, as it reflects value judgments on issues it addresses. So, are common criticism of social and political facts, through *irony* expressive feature. Analyzing a cartoon, so we contacted a lot of information that require the activation of prior knowledge on the subject, the production of inferences, among others. On the other hand, the non-observance of these factors can cause difficulties to understand the possible meanings conveyed. It is noteworthy that the NCP suggests a study / mother tongue teaching from the work with genres that circulate in different social spheres as a way to bring the student to interact with and reflect on the language. This work is based on the studies of Bakhtin (2003),

¹ Graduanda do curso de Letras pela Universidade do Estado do Pará, Conceição do Araguaia-PA, Brasil. E-mail: tamaracristina390@gmail.com

² Mestre em Ensino de língua e literatura. Professor Substituto do Curso de Letras da Universidade do Estado do Pará, Conceição do Araguaia-PA, Brasil. E-mail: ozielestudiante@gmail.com.



Britto (2003), Brazil (1998), Guimarães (2009), Koch (2003), Marcuschi (2003) and Mouco and Gregorio (2007).

Keywords: Genres. Charge. Directions.

1. Introdução

A partir dos anos finais da década de 1990, do século passado, o Ministério da Educação publicou alguns documentos, cuja finalidade era a melhoria da qualidade da Educação Básica. Dentre eles estão os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, 1998, 2000, 2002,), por apresentarem ideias inovadoras em relação a *como, o que e para que* ensinar. No que diz respeito, particularmente, à língua portuguesa, propõem um ensino que difere da prática tradicional que, via de regra, baseia-se na “[...] clássica metodologia de definição, classificação e exercitação” dos elementos gramaticais (BRASIL, 1998, p. 29). Tal perspectiva, então, deve ser abandonada para, em seu lugar, inserir-se uma prática na qual o texto e os gêneros sejam instrumentos de interação e alvos constantes de reflexão sobre a língua (idem, p. 23), a fim de tornar o aluno um sujeito ativo na comunidade.

Nesse sentido, tais objetivos podem ser alcançados, dentre outros, mediante a recepção ativa dos textos, prática que “[...] tem relação com a produção oral e com a prática de leitura” e, que, “[...] cada vez mais, torna-se uma necessidade, especialmente no que diz respeito aos textos veiculados pelos meios de comunicação de massa. (Idem, p. 49).

É sempre válido ressaltar que, a prática de reflexão sobre a linguagem deve levar em consideração os conhecimentos sociais e culturais dos indivíduos, uma vez que eles são participantes de uma comunidade, apresentam histórias e identidade, bem como a capacidade de atribuir diferentes sentidos aos gêneros discursivos/textuais que leem e produzem.

2. Gêneros textuais: A charge e sua funcionalidade

Os gêneros textuais estão diretamente relacionados às práticas e atividades que permeiam a sociedade. Desse modo, então, torna-se praticamente impossível interagirmos com o(s) nosso(s) interlocutor(es), por outro meio, que não seja algum gênero, como afirmou Marcuschi (2008).



De acordo com o filósofo e estudioso da linguagem, Mikhail Bakhtin (1895-1975), em quaisquer atividades que venha desenvolver, o ser humano sempre e, irremediavelmente, utilizará a língua. Assim, impulsionado por seus interesses e finalidades específicas, produzirá “*tipos relativamente estáveis de enunciados*” (*gêneros do discurso*) que atendam às particularidades das diferentes esferas sociais de comunicação (BAKHTIN, 2003 – itálico do autor). Portanto, na perspectiva desse estudioso, os gêneros do discurso materializarem a língua e medeiam a relação entre esta e a vida.

Ampliando a discussão, o filósofo russo subdivide os gêneros em primários e secundários – simples e complexos, respectivamente. Os primários, segundo ele, se constituem nas interações diárias, naturais, com predomínio da oralidade. Os secundários, por seu turno, estão presentes em situações de comunicação mais complexas, formais, no qual se tem uma maior exigência. Evidencia-se, assim, que a diferença entre os dois grupos parece ser apenas o grau de complexidade e elaboração que os caracteriza. Ressalta ainda, que estes “incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições de comunicação discursiva imediata” (idem, p. 263).

O autor também caracteriza os gêneros segundo três aspectos: conteúdo temático (consiste na escolha do conteúdo), estilo (escolha dos recursos linguísticos) e construção composicional (formas de organização textual). De acordo com ele, esses três elementos “estão indissolúvelmente ligados no *todo* do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação” (idem, p. 262 – itálico do autor).

Marcuschi (2003), de quem já falamos anteriormente, entende que os gêneros textuais são fenômenos históricos, entidades sócio discursivas e formas de ação social vinculados ao contexto cultural e social. Resultam da coletividade; constituem-se, segundo ele, como “ações sócio discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo. (Idem, 2008, p.22). Dessa maneira, contribuem para ordenar e consolidar as atividades diárias.

Considerando a amplitude e importância dos gêneros textuais na sociedade, faz-se necessário conhecer a finalidade do gênero charge, objeto de nosso estudo.

A palavra charge, segundo Mouco e Gregório (2007) tem sua origem do francês e significa carregar, exagerar. A charge é uma:

Crítica humorística de um fato ou acontecimento específico. É a reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público, segundo a percepção do desenhista. Apresentando-se tanto através de imagem quanto combinando imagem e texto [...]. (MOUCO e GREGÓRIO, 2007. p.5).



Vale ressaltar que o gênero em questão não está voltado apenas ao humor. Ele também ajuda a desenvolver a conscientização, uma vez que trata de temas informativos, os quais podem desencadear críticas e denúncias relacionadas a acontecimentos políticos, econômicos e sociais. Nesse sentido, pois, pode-se afirmar que a charge se constitui um recurso discursivo e ideológico.

Outrossim, devido constituir-se de elementos verbais e não verbais, esse gênero também requer uma leitura competente e eficaz, para que haja razoável entendimento. Dentre outros aspectos, no momento da leitura “deve-se levar em conta o contexto sócio-político em que foi produzido”, conforme pontuam as autoras anteriormente citadas (idem).

Inferre-se, das palavras de Mouco e Gregório que a leitura da charge, tal qual outros gêneros, requer do leitor a ativação de seus conhecimentos de mundo, conhecimentos sócio compartilhados, inferências, relação com outros fatos e acontecimentos relacionados ao texto, retomada de acontecimentos de épocas anteriores, dentre outros.

Koch (2013, p. 72), referindo-se sobre a importância de outros conhecimentos, além dos estritamente textuais, necessários à compreensão de um texto, ressalta que o conhecimento de mundo do leitor “[...] desempenha um papel decisivo no estabelecimento da coerência: Se o texto falar de coisas que absolutamente não conhecemos será difícil calcularmos o sentido e ele nos parecerá destituído de coerência”.

Reiterando, a autora ressalta que:

Para que se estabeleçam as relações adequadas entre os elementos e o conhecimento de mundo (enciclopédico), o conhecimento sociocultural partilhado entre os interlocutores, as práticas sociais postas em ação no curso da interação, torna-se necessário, na grande maioria dos casos, proceder a um cálculo, recorrendo-se a estratégias interpretativas, como as inferências e outras estratégias de negociação de sentido. (Idem, p. 53).

Sendo assim, é a partir dos conhecimentos obtidos ao longo da vida, do uso de estratégias interpretativas e da relação que estabelecemos com os diversos gêneros textuais que circulam socialmente que conseguimos produzir sentido(s), como discutiremos no tópico seguinte.

2.1 O gênero charge e a construção dos sentidos



As charges, conforme dito anteriormente, apresentam informações por meio de críticas que, na maioria das vezes, chegam a ser acompanhadas de humor. Por isso é importante se atentar para os recursos verbais e não verbais, posto que contenham uma carga semântica e ideológica que nos levam à compreensão dos sentidos.

Também é preciso levar em consideração os processos inferenciais de cada leitor, conforme pontuou Koch, pois as informações fornecidas pelo autor do texto nem sempre são suficientes para uma interpretação adequada. Assim, munido de diferentes estratégias, reforçamos, cada leitor constrói sentidos, de acordo com seus conhecimentos, eliminando, desse modo, possibilidades de leituras iguais (BRITTO, 2003).

Ingedore Koch (op. Cit., p. 53), ainda se referindo aos aspectos relevantes à construção dos sentidos de um texto, fala a respeito da coerência, aspecto central nesse processo. Veja-se:

Se porém é verdade que a coerência não está no texto, é verdade também afirmar que ela deve ser construída a partir dele, buscando-se em conta os recursos presentes na superfície textual que funcionam como pistas ou chaves para orientar o interlocutor na construção de sentido.

Infere-se, das palavras da linguista que, para construir sentidos, o leitor passa a estabelecer sua própria interpretação textual, posicionando-se como sujeito dotado de ideias próprias, preenchendo as lacunas do texto com seus conhecimentos construídos ao longo de sua vivência em sociedade.

Britto (op. Cit, p. 100), aprofundando a discussão sobre o tema em apreço, afirma que “a leitura seria um ato de posicionamento político diante o mundo. E quanto mais consciência o sujeito tiver deste processo, mais independente será sua leitura, já que não tomará o que se afirma no texto que lê como verdade ou como criação original, mas sim como produto”.

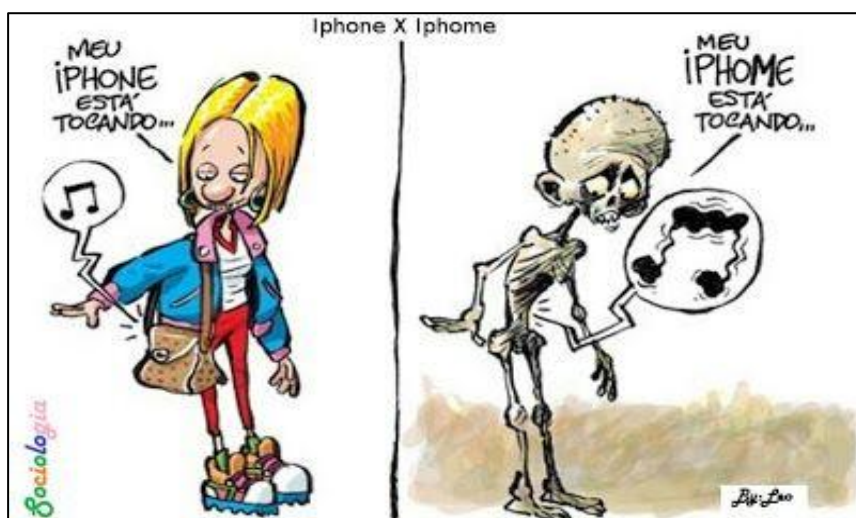
Outro ponto a ser ressaltado é que os textos são carregados de discurso. Este, por sua vez, consiste na linguagem em ação, revelando a própria prática que interpela os indivíduos historicamente determinados. (GUIMARÃES, 2009, p. 127). Assim, os textos se encontram organizados em sequências lógicas para a construção sentido.

Além dos elementos externos ao texto, é preciso se atentar para os recursos linguísticos que se encontram em seu interior (anáfora, catáfora, hipônimos, hiperônimos, etc.), pois ele também é responsável pela construção de sentido do texto. Estes elementos configuram a coesão textual que, de acordo com (KOCH, 2013, p. 45), “diz respeito ao modo

como os elementos linguísticos presentes na superfície textual encontram-se interligados entre si, por meio de recursos linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentido”.

3. Análise de charges

A partir deste tópico, serão apresentadas as análises de quatro (04) charges, com temáticas diferentes, mas que assemelham-se quanto à capacidade de veicular uma informação por meio de críticas que, em sua quase totalidade, vêm acompanhadas de humor.



Fonte disponível em: [www.http://encrypted-btn3.gstatic.com](http://encrypted-btn3.gstatic.com).

Conforme é possível constatar, a charge acima apresenta duas imagens: a primeira, localizada a esquerda, apresenta uma adolescente de cabelos loiros, vestindo uma jaqueta azul, sobreposição da camisa branca. A garota também aparece vestida numa calça vermelha e calçada num tênis multicolorido. Do lado direito está uma bolsa, para qual a atenção dela está voltada, em virtude do “toque” de seu *smartphone*. Logo acima da ilustração descrita está a seguinte frase: “Meu IPHONE está tocando...”.

Na segunda figura, apresenta-se o que seria a mesma garota, porém, apresentada de maneira oposta à primeira: ela encontra-se magra, esquelética e debilitada. Destacadamente, visualiza-se a “profundidade” da barriga da adolescente, de onde surge, em tom melancólico, a expressão: “Meu IPHOME está tocando...”.

Com a temática principal voltada para o consumismo exacerbado, e as consequências desse ato (in)consciente, a charge tem como objetivo propiciar ao leitor uma reflexão divertida e irônica a respeito do tema. Nas duas imagens, infere-se o que seria o antes e o depois da mesma pessoa: o “antes”, a ostentação de possuir o que é veiculado midiaticamente



e, o “depois”, a deflagração do próprio ser humano, resultante, provavelmente, da falta de políticas públicas que ofereçam oportunidades à construção e à valorização da dignidade humana. Ou seja: a obtenção de um produto, anteriormente muito valorizado, perdeu qualquer sentido diante da realidade desumana da personagem.

O fato de o desenho apresentar uma adolescente possui inteira relação com os interesses mercadológicos dos grandes produtores e importadores das novas tecnologias. Conseqüentemente, relaciona-se, de modo geral, aos valores impostos pela sociedade do consumo, os quais são parcialmente acatados por muitos; em sua maioria, consumidores dispostos a qualquer sacrifício para estarem ou se manterem nos padrões preestabelecidos socialmente.

Interligada a essa temática está a exclusão, ressaltada na segunda ilustração. A garota, que se encontra fora dos padrões, conseqüentemente, não consegue acompanhar o que é ditado tecnologicamente.

Conforme expusemos anteriormente, o tema principal da charge em análise é o consumismo. Todavia, outros temas igualmente relevantes poderiam servir como objetos de reflexão, como: a exclusão social, o padrão social estabelecido e a busca incessante em segui-lo, o individualismo, dentre outros.

Além dos temas sociais citados, a charge apresenta um recurso linguístico relacionado à intertextualidade que, segundo Guimarães (2009, p. 134), é o “[...] processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo”.

Esse conceito aparece nos seguintes enunciados: “Meu IPHONE está tocando” e “Meu IPHOME está tocando”. Com essa troca de sentido, por sua vez, resultante da troca de fonemas (/N/; /M/), o autor busca enfatizar/criticar o consumo irresponsável, talvez, objetivando sensibilizar e/ou reeducar o leitor; provocar nele uma mudança de atitude.

Entendemos que, atitudes como essa são positivas, tendo em vista que podem ajudar os cidadãos a refletirem, dentre outros, sobre o abismo existente entre as classes sociais. Igualmente, pode contribuir à consolidação dos valores humanos.

Passemos à análise da próxima charge, que aparece abaixo:



A charge acima apresenta, em seu plano superior, o enunciado: “Uma nação não se mede pelo PIB”. É composta, ainda, pela imagem de duas crianças magras: a primeira tem a pele escura, cabelos pretos e ondulados, e aparece vestida apenas em um *short* preto segurando uma bola na mão, e com os pés descalços. Já a segunda apresenta pele de tom claro, cabelo ruivo e liso. Assim como a primeira, aparece vestida somente num *short* de cor azul e com os pés descalços.

Dada a aparência dos personagens, pode-se afirmar que se trata de pessoas pobres, as quais, ao se depararem com o anúncio: “Uma grande nação deve ser medida por aquilo que faz para suas crianças”, mostram-se admiradas, em virtude de não saberem, sequer, decodificar o enunciado do cartaz. Em um tom de total desconhecimento e espanto, o primeiro garoto pergunta: “o que tá escrito aí?”, e o segundo responde: “sei não. Mas assim que alguém me ensinar a ler eu te respondo”.

O cenário que compõe a imagem parece ser localizado acima dos morros, onde é possível ver várias casas humildes, com ruas em condições precárias (ausência de asfaltamento e de saneamento básico), propícias à manifestação de doenças.

É possível observar que a charge faz uma crítica de caráter político, uma vez que afirma que o desenvolvimento de uma nação não se mede pelo seu Produto Interno Bruto (PIB), mas pelo que faz para sua população infantil. Nesse sentido, a falta de investimento do



governo para com os sistemas de saúde, a moradia e, sobretudo, para com o sistema educacional, são críticas que ficam patentes.

Sendo assim, a charge estabelece relação dialógica (BAKHTIN, 2003) com o discurso que está voltado para o desenvolvimento de determinado país; mais precisamente pela falta de investimentos na educação. Ou seja, o autor acaba se valendo de uma ironia para criticar a falta de investimento por parte do governo, que ocorre principalmente nos lugares em condições mais difíceis: favelas, por exemplo. Esses locais, devido à falta de políticas públicas efetivas, não disponibilizam um ensino adequado à comunidade. Logo, pode-se afirmar que a ausência da competência leitora das crianças desses contextos está diretamente relacionada (mas, não só), tanto à carência de escolas quanto de profissionais que exerçam a docência. Estes, na grande maioria das vezes, por razões que fogem aos seus controles, não possuem a devida formação ou qualificação profissional.

Por conseguinte, os jovens e os adultos se tornarão incapacitados para entrarem no mercado de trabalho e servirão de mão-de-obra barata para o capitalismo, não conseguindo, desse modo, oferecer um ensino de qualidade aos seus filhos.

Assim, do ponto de vista de um contexto mais amplo, o país terá baixos índices de desenvolvimento, de escolaridade e de renda, e um conseqüente aumento de desemprego, juntamente com as péssimas condições de vida que o acompanham.

Portanto, conforme já vimos pontuando, uma nação que não investe concretamente em um ensino de qualidade será pouco desenvolvida, pois as crianças, alvo maior da educação, base para um desenvolvimento consistente, são precariamente assistidas.



Fonte disponível em: [www.http://encrypted-btn3.gstatic.com/imagens](http://encrypted-btn3.gstatic.com/imagens)
charge abaixo:

Observe-se a

A charge intitulada “Prioridades do brasileiro” apresenta o diálogo entre dois sujeitos sociais: o primeiro personagem, localizado a esquerda, na imagem, é negro e aparece vestido em camisa e uma bermuda completamente desgastados com os pés descalços e, em uma das mãos, ele segura um saco envelhecido, acompanhado de dois insetos, provavelmente atraídos pelo mal odor. Por fim, a charge mostra o personagem segurando um telefone celular em sua mão esquerda e produzindo o enunciado: “Vou te mostrar as fotos do sopão de ontem...”.

Ao lado do primeiro sujeito descrito está outro homem, de aparência semelhante, exceto em alguns detalhes como a estatura e o tamanho do saco. Assim como o outro, este também tem um celular (mão direita) e produz o enunciado interrogativo: “Você ainda está no 4G?”.

Os aspectos mencionados acima permitem-nos perceber que os dois sujeitos sociais que compõem a charge são mendigos. Nesse sentido, os celulares nas mãos de ambos e os enunciados por eles produzidos provocam um efeito humorístico, marcado pela ironia, cuja finalidade era mostrar a contradição entre a real condição financeira dos personagens e a vida que parecem querer ostentar. Ou seja, o objetivo do texto parece ser o desenvolvimento de

uma análise reflexiva a respeito das prioridades estabelecidas por cada componente da sociedade.

Atrelados a essa questão, aparecem os valores pré-estabelecidos socialmente. Nota-se que os protagonistas dessa história parecem não fazer uma leitura adequada em relação ao contexto social em que vivem; mesmo sobrevivendo em uma realidade quase desumana, parecem valorizar comparações e disputas, cuja finalidade é simplesmente dar visibilidade àquele que possui o aparelho tecnologicamente mais avançado. Assim como outros, tornam-se pessoas que baseiam suas vidas em aparências e banalidades, desfocando-se de valores dignamente sociais e humanos.



Fonte disponível em: [www.http://encrypted-btn3.gstatic.com](http://encrypted-btn3.gstatic.com).

Na charge acima é possível observarmos, na parte superior, o enunciado “Numa cidade conhecida...!” Logo abaixo, objetivando despertar a atenção do leitor, aparece o enunciado “dicas...”.

O interior da imagem é composto por dois personagens homens, idosos, de estatura baixa, aparentemente, acima do peso, que têm a pele clara e usam óculos. O primeiro está vestido de terno marrom, blusa branca acompanhada de uma gravata de cor vermelha e sapatos pretos, e dialoga com o outro interlocutor, fazendo-lhe a seguinte pergunta: “Como o nobre colega faz para deixar seu dinheiro tão limpinho?”.

O segundo homem encontra-se localizado no lado direito da imagem, vestido de terno azul, camisa branca e uma gravata também de cor vermelha, com o símbolo cifrão (\$), que representa dinheiro. Esse segundo personagem aparece calçado em sapatos marrons e,



em sua mão direita, segura uma laranja, usada como referência à construção de sua [sarcástica] resposta ao interlocutor que o indagara: “eu uso laranjas!”.

Certamente, não é preciso muito esforço para constatarmos que a charge faz uma crítica a alguns membros da classe política, ultimamente o centro das atenções em nosso país, devido aos inúmeros casos de corrupção. Isso fica melhor evidenciado, observando-se o ambiente onde as personagens se encontram: ao fundo tem-se um plano azul claro, com bordas laterais de cor branca e, no eixo horizontal, um varal com várias notas de dinheiro estendidas, como se estivessem sido lavadas e colocadas para secar.

Conforme é possível perceber, os discursos dos sujeitos são atravessados de/pela ironia (“o que o nobre colega faz para deixar seu dinheiro tão limpinho?” e “eu uso laranjas!”), uma vez que alguns políticos utilizam laranjas, pessoas que emprestam suas identidades para encobrir os autores das fraudes, cometendo, assim, crimes contra o patrimônio público.

Segundo foi possível verificarmos, por meio dos exemplos, a charge é capaz de despertar no leitor o senso crítico relacionado aos fatores que corroem a sociedade, como as fraudes praticadas por muitos governantes.

4. Considerações finais

Os gêneros textuais que circulam na sociedade, em particular a charge, têm capacidade de desenvolver o conhecimento crítico do leitor, através de fatos que permeiam a sociedade. Ou seja, por meio de seu caráter irônico, esse importante instrumento de linguagem tem a competência de fazer críticas e denúncias de cunho político e social. Para tanto, segundo vimos, a construção de sentidos, enquanto processo altamente interativo, requer a ativação de recursos linguísticos e extralinguísticos, e não apenas dos primeiros, como costumeiramente propõe a pedagogia tradicional de ensino de língua portuguesa.

Diante do exposto, defende-se que esse gênero textual precisa ser melhor explorado pela/na Educação Básica, tendo em vista que possibilita ao aluno tornar-se um leitor crítico e, por meio de sua criticidade, verificar algumas das desigualdades e injustiças presentes em sua realidade social, ou na de outro colega.



Referências Bibliográfica

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins fontes, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITTO, Luíz Parcival Lemes. **Contra o consenso: cultura escrita, escrita, educação e participação**. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

GUIMARÃES, Elisa. **Texto, discurso e ensino**. São Paulo: Contexto, 2009. p.134.

KOCH, Ingedore Villaça. **A construção dos sentidos no texto: coesão e coerência**. In: O texto e a construção de sentidos. São Paulo: Contexto, 2013. p.45.

LAKATOS, E; M. MARCONI, M; A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MARCUSCHI, A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In; **gêneros textuais e ensino**. Rio de janeiro: Lucena, 2003.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOUCO, M. A. T; GREGÓRIO, M. R. **Leitura, análise e interpretação de charges com fundamentos na teoria semiótica**. Paraná, 2007.